EGASTENIA

C. Livino de Carvalho

ἐγω -eu
ἀ -prefixo privativo
σθενος -fôrça
ια -desinencia nominal

La patience est la vertu des ânes, dizem os franceses.

Sem dúvida, a paciencia do burro é assaz pronunciada e se fez proverbial, mas nem por isto êsse precioso estado deve degradar-se e ir ao extremo de se tornar qualidade digna somente de tão desprimoroso especime zoologico. Ao contrario, atentando na palavra evangelica póde-se afirmar, em oposição á legenda francesa, que a paciencia é uma das mais salientes virtudes.

Neste mundo, pelo menos, ninguém alcançará tranquilidade, coisa indispensavel a uma frutuosa instalação na vida, sem o dom de sofrer serenamente as agruras da existencia. Há merito evidente, superioridade incontestavel de ânimo, em aguardar tranquilamente aquilo que se deseja e custa a vir.

Que vantagem aufere o que espera sofrego e irado a monção para guiar o barco ao seu destino? ou a boa estação para o plantio? ou o tempo da colheita? ou o dia da prosperidade que diligente esfôrço prepara?

A agitação, a ansia, o desespêro gastam o homem, esgotam-no, envenenam-no, corrompem-no; ani-

malizam as funções organicas, desarranjam os negocios; afastam as simpatias dos bons, dão maus aspectos a todas as coisas e propiciam os piores acontecimentos.

A vida é uma porfia longa, sem fim; nela todo bem e todo mal devem esperar-se calmamente, porque está sempre a melhor, mais proximo de vencer aquele que mais avisadamente combate.

Dizem os entendidos ser o livro de Jó a peça mais bela da literatura hebraica, e a beleza dessa obra-prima consiste toda na doce renúncia com que o virtuoso patriarca padeceu as suas grandes desditas, a provação dolorosissima de perder todos os filhos, a mulher querida, a imensa fortuna, os numerosos amigos... Dizia êle, iluminado de santa inspiração: — «Deus mos deu, Deus mos tirou... Louvado seja Deus!»

Raros, porém, os de tão resistente fibra moral, de tão sublime perfeição.

Os homens são fracos; cedem facilmente á compressão e não valem em docilidade o solipede famoso.

Hoje uma injustiça, uma insidia; amanhã uma afronta, um desafio, tropêços, quedas inevitaveis, agruras sem termo...

Aqui, perde-se tempo e esfôrço na defesa de um ato honesto, que nenhuma justificativa requeria, e nem sempre a eloquente transparencia de sua legitimidade alcança o devido exito; ali, é um bem material que reclama cuidados extremos; além, padecem os mais seguros direitos no descaso e indiferença de todos..

A soma de energia necessaria a enfrentar e transpor êsses obices, o empenho em desembaraçar dêles a existencia, em assegurar-se cada um boa posição no entrechoque constante e inevitavel, em conter a ambição, a ruindade dos outros, anulando-lhes a ação hostil nos problemas que temos de resolver em nosso proveito contra os desejos e interesses alheios; a necessidade de adaptar ás nossas conveniencias a natureza aspera e agressiva, tudo faz da existencia um pelejar sem treguas em que se consome toda a resistencia organica.

Pobre, rico, moço, velho, ignorante, sabio, nenhum estado, nenhuma condição afasta as dificulda-

des, os insucessos, os perigos, as dores, que, repetidos e agravados cada dia, impertinentemente, estragam a indole mais doce, mais tersa e mais viril, abrindo-lhe erosões e fendas por onde essa calma, essa bondade, essa fortaleza se escoam e com ela a paciencia gota a gota.

II

O homem de saúde, limpo dos vicios sociais, é sobremaneira paciente.

Não há mister lembrar Jacó. Está sob nossas vistas o camponês amainando a terra sem canseiras meses a fio para alcançar o alimento; o pescador baloiçando ás ondas dia e noite á cata de meios para subsistir na penuria irremediavel; o sertanejo rudo correndo dias no carrasco emaranhado e dilacerante atrás da rês tresmalhada; o operario na oficina movendo a vida inteira a mesma máquina, todos, afinal, fazendo até morrer a mesma obra...

Tal o animal que sem fadiga e sem noção do tempo tocaia a prêsa incauta.

Mas essa resistencia quebranta e cede facilmente á maldade humana que nos desvãos da civilização viceja.

Enlaçadas as traças do destino á astucia malfazeja do homem, nenhum resguardo mais salvaguarda a suavidade do viver.

—No outro dia, o ancião que jamais erguera a voz a um grito, sempre refletido e pausado, afligiu-se tanto com a mosca importuna e renitente, que lhe atirou um safanão colerico e mal parado.

Da outra vez foi Alexandre, tão afeito por fôrça de sua eminencia aos elogios e continuos ditirambos.

Navegava êle o Eufrates, quando Aristobulo, seu historiador preferido e estimado cortesão, leu-lhe o diario da expedição á India. De tal maneira descompassados foram, porém, os louvores e fabulosos os episodios postos na narrativa, que o grande conquistador lhe arrebatou irado o manuscrito, jogou-o ao rio e disse veementemente:—«Merecias que a ti eu fizesse outro tanto, por te atreveres a atribuir a Alexandre façanhas mentirosas!».

Depois, uma multidão de infelizes sem direitos,

sem lar, sem patria; corridos e sem abrigo em terra e peito algum; envilecidos na miseria, sem brios, razão e alma, toda essa gente infamemente degradada se ergueu, ressurgiu desensofrida aos acenos desesperados de Spartacus e abalou os alicerces do maior imperio do mundo!

Finalmente, povos cansados de sofrer a tirania de senhores barbaros ergueram-se e abateram aquela mesma Roma, a soberba, a dominadora sem par, que três vezes ditou lei ao mundo —«pela unidade da relígião, pela unidade do direito e pela unidade do estado»...

Assim, entre plebeus, entre reis, classes e povos; todos gastam na tritura da vida a aptidão para aturar pacientemente as agressões externas.

III

E' de todos o conhecimento dêsses casos, mas ninguém inda viu neles o resultado da persistencia de fatos ás vezes diminutos numa relação constante de causa e efeito.

Entretanto, a natureza oferece copioso espetaculo de grandes acontecimentos surgidos da constancia de motivos intimos.

O veio cristalino e dutil que feriu, penetrou e aluiu a grande rocha é um simbolo.

O Sr. Luiz Guimarães, num livro encantador que escreveu sôbre a Holanda, dizendo quanto viu num museu, narrou o suplício inquisitorial de gota d'agua. A vítima era amarrada em decubito dorsal a uma mesa. Do alto lhe caía na testa uma gota d'agua pequenina, ritmica, que não cessava de percutir obstinada, angustiante. Inda bem êsse pingar diabolico, aparentemente inofensivo, não havia perfurado o frontal do infeliz, já êle delirava na mais lastimosa loucura!

— Quem desconhece que a grande guerra resultou da impaciencia de aturar-se a contínua e crescente ameaça de luta que se encobria na paz armada das nações da Europa?

Sob aspectos particulares diversos, a persistencia tem sido observada e definida. Em respeito ás transformações dos animais, sobretudo do homem na sociedade, Lamark disse: «toda condição importante

longamente prolongada na ambiencia de um ser vivo determina fatalmente nele uma modificação adaptativa»—e Le Dantec (L'Égoïsme) confirmou êste asserto, acrescentando que um ser qualquer submetido á ação duravel, de um fator exterior, ou sucumbe, ou a êle se habitúa por via de transformações acomodaticias.

Nenhuma dúvida há nisto e de um modo geral póde dizer-se que—a continuidade de uma ação externa origina uma outra ação maior, de natureza e consequencias diversas.

A gota d'agua primeira era inofensiva; não deixou traços na pedra da rocha nem na epiderme da fronte. Foram tantas, porém, as seguintes, que o homem enlouqueceu, finou-se e o monte desmoronou.

Gutta cavat lapidem.

Isto para todas as coisas e para todos os seres; na reiteração da mesma causa, ou na de causas semelhantes; no meio social, como no fisico e no mental.

Não admira, pois, que a paciencia se exaura com a persistencia de motivos inicialmente tolerados.

Os medicos franceses Paul Voivenel e Raymond Mallet, num interessante estudo publicado no «*Mercure de France*» sob o titulo—*L'hemorragie de la Sensibilité*»—e, depois, somente Voivenel, no «*Le Crapouillot*», número de agosto de 1930, falando sôbre «les Nerveux et les Fous de la Guerre», asseguram que a energia nervosa do soldado se deprime e extingue aos poucos nos combates em face das emoções repetidas. Observa-se, mesmo, dizem êles, uma indisciplina morbida, filha da fadiga.

Lutei grandemente, afirma Voivenel, para fazer admitir o mêdo morbido.

A mudança lentamente trabalhada pelo gota-a-gota das pequenas emoções incessantes era brutalmente efetuada pela emoção-choque dos assaltos e dos bombardeamentos. A metamorfose da personalidade tornava-se nitida e na psiquiatria da guerra tomou o nome de *síndrome emociona*. Um soldado até então corajoso resiste á preparação da artilharia, vê cairem os camaradas, precipita-se para a frente e, repentinamente, abandona a batalha, corre e vai esconder-se no primeiro pôsto de socôrro com o rosto

transfigurado e o olhar inquieto. A crise póde ser passageira e curavel por um medico experimentado, póde durar algum tempo, e uns dias no hospital bastarão ao restabelecimento.

Estas penetrantes palavras do arguto observador dão-nos idéa bem nitida dos efeitos da insistencia de um fator externo agindo sôbre os centros cerebrais e deixam perfeitamente compreendido o caso da exaustação lenta da paciencia.

O fenomeno psiquico percebido por Voivenel e Mallet com relação á sensibilidade é de todo semelhante ao que assinalamos aqui em relação á paciencia.

Limitaram-se, porém, os ilustres medicos a estudar as manifestações que mais vivas impressões lhes fizeram e não procuraram conhecer o mecanismo de sua preparação íntima.

Ressaltaram, entretanto, o aspecto autonomico da persistencia emocional e tornaram possivel concluir pela especificidade dessa persistencia na produção de reações internas e de acontecimentos externos até aqui atribuidos a outras causas. Muitos dêsses acontecimentos - gestos, atos de fórmas e intensidades várias, eram considerados, por exemplo, simples *descargas nervosas* (Spencer, Princ. de Psic., II, §§ 495 e 502), quando é patente que esta expressão exclue, só por si, indevidamente, a influencia psiquica.

IV

Definir, diz-se, é perigoso e, por isto, contentamo-nos com o saber que a paciencia é um mero reflexo do regular funcionamento endopsiquico do homem; existe, como diria Freud, porque os freios animicos estão perfeitos e não consentem que o *Ego* receba, ou cumpra certas determinações interiores repugnantes.

Para melhor compreensão disto, convém lembrar que êsse ilustre psicologo imaginou existirem três departamentos distintos e principais em nossa estrutura mental:—O *Inconsciente*, residencia dos instintos barbaros do ser primitivo e das tendencias adquiridas e esquecidas por serem más. Aí se localiza uma individualidade propria, o *Eu inconsciente*, selvagem; o

homem-instínto que cada um de nós conduz recalcado, oculto;—o *Id.*

O *Preconsciente*, uma especie de posto-fiscal-policial, onde se localiza o *Super-Ego*, entidade puramente crítica e vigilante, ativa e inflexivel, que não permite a passagem de insinuações, ou ordens ofensivas dos bons sentimentos, mesmo simplesmente reprovaveis, vindas do *Inconsciente.*

O *Consciente*, séde do *Eu* moral ou *Ego*, que vem a ser a personalidade do homem em função no meio social.

O autor, posteriormente a essa construção, admitiu uma segunda censura entre o Preconsciente e o Consciente, de modo que a êste mui dificilmente chegará qualquer representação inconveniente do Id em desharmonia com o moral do individuo.

Ora, segundo esta concepção, quando um fenomeno impressiona de modo desagradavel os nossos sentidos, á sensação ofensiva corresponde uma ordem má do Inconsciente que, aliás, vive a insinuar ordens assim, mas essa ordem é cassada pelo Preconsciente, logo que êste percebe sua inconveniencia.

Outro fenomeno vai ferir do mesmo modo as mesmas celulas nervosas e tudo se passa como da primeira vez. Repete-se o acontecimento até que os vigilantes cansam e surge o momento no qual o tono psiquico enfraquecido facilita manífestações que as defesas teriam reprimido se as energias estivessem perfeitas, não gastas pela ação obstinada da mesma impressão irritante.

E' o caso do soldado, o qual suporta bem os primeiros embates da luta, porque êstes lhe encontram o mecanismo psiquico em perfeito equilibrio, dominando a determinação consciente de combater até vitoria, ou morte.

Essa resolução provém de injunções de caráter patriotico fortemente ativas, excitadas ao extremo pela propaganda da guerra Mas o espetaculo prolonga-se em demasia e sua repugnancia cresce até abalar o eretismo moral do combatente.

Novas repetições; os vigilantes exaurem-se e, afinal, a repulsa do Inconsciente consegue transpor todos os obstaculos obtendo do Super-ego plena franquia e do Ego aquele abandono que Voivenel e Mallet

tão bem assinalaram. Assim na guerra, assim na paz com as emoções da vida comum, diferindo, apenas, o menor impressionismo destas e a mais lenta aparição dos síndromes finais.

Tanto para a sensibilidade como para a paciencia, que é uma sua configuração particular, o *processo* que Voivenel e Mallet denominaram *hemorragico* conduz a igual prostração de consequencias anormais inevitaveis.

V

A psicologia biologica explicaria o caso como sequencias ampliadas e especificadas da irritabilidade nata da materia viva. Sensações causadas por insistentes impressões externas (fenomenos), produzindo excitações neurais localizadas, vão fazer vibrar repetidamente determinadas celulas e estas por intimos desequilibrios cada vez mais acentuados obrigam os centros nervosos a irradiar ordens sempre mais intensas de excitação ou de depressão motoras.

Mas, por esta trilha, não alcançariamos resultados claros, porque, por maiores que sejam os esforços dos psicologos em afeiçoar as aquisições da biologia, nada de definitivo se percebe no misterioso mecanismo dos hemisferios cerebrais.

A hipotese freudiana torna o assunto mais simples.

De qualquer modo, certo é que, por exemplo, os dissabores cansam, debilitam e ninguém desconhece o adequado conselho medico para uma viagem, um repouso qualquer. Em certos doentes, nos tuberculosos, êles exercem uma influência funesta. Todos sabem, sem perceber que o sabem, que as magoas reiteradas produzem resultados semelhantes ao daquela gota renitente e ao daquele canhoneio alucinante.

A psico-analise mostra que as sensações irritantes reproduzindo-se, percutindo os centros nervosos, vão fazer mais intensas as determinações perversas do *Id*, o que torna mais aspero o trabalho de contenção das censuras e mais precaria a situação do Ego.

—Se êste e os seus guardas agem sempre com eficiencia no sentido de manter a conduta normal do individuo, que se porta sempre com inteira sere-

nidade, a êsse equilibrio moral se chama – paciencia.

Diz-se, então, que êle é paciente.

Mas, um tanto frequentemente, essa resistencia afroixa, alguma coisa lhe foge e o procedimento vedado cumpre-se.

A anormalidade póde-se exprimir por atos de excitação, ou de depressão morais, por uma atitude insolita ativa, ou passiva, de ação, ou de omissão.

No entendimento geral o indivíduo está aborrecido, nervoso, excitado, impetuoso; ou abatido, humilhado, prostrado.

De qualquer maneira, tem-se que êle se impacientou, *perdeu a paciencia.*

Convém notar que neste ponto tudo se acha em perigo, porque, se um caso importante acontece e por êle uma emoção-choque abala o sistema já em crise, a explosão se torna inevitavel,—o *Id*, segundo Freud, póde triunfar, suas tendencias acharem curso mais ou menos livre e final execução, ou obrigarem o *Ego* a um esfôrço incomportavel de contenção.

Nesta hipotese tudo poderia acontecer, mesmo um delito, ou a perda da razão.

VI

Examine cada um o borborinho no qual nos agitamos da infancia á velhice e verá nessa arena de perpétua adversão que os combatentes são fortes, ou fracos, resistentes, ou cansaveis. Sem dúvida, aí um dos elementos de vitória será a poupança das fôrças mentais. O que menos houver violentado estas fôrças será forte.

Normalmente todo homem tolera que a mosca lhe toque a epiderme; que o amigo lhe dirija encomios; que a autoridade aja com rigor; se, porém, a mosca insiste e se faz impertinente, se os louvores tornam-se excessivos, se a autoridade abusa e descompassa, a isto corresponde inevitavelmente, mais pronta ou menos prontamente, uma alteração da conduta do que sofre, alteração que vai do pequeno gesto de enfado ás grandes revoluções;—quando não se mostra por um estado maior ou menor de depressão nervosa.

E isto ocorre assim, nuns produzindo elevação,

noutros abaixamento do tono vital, por motivos de facil compreensão.

A psico-análise tudo explicaria pela natureza e intensidade dos *recalcamentos* da infancia originando determinações mais ou menos pronunciadas da *libido*.

Além do *complexo de edipo*, os demais *complexos* ou *imagens-sentimentos* dominantes no carater do indivíduo facilitariam a manifestação de algumas daquelas determinações e obstariam a de outras, ou as substituiriam por *equivalentes* mais ou menos expressivos.

A endocrinologia poria facilmente tudo em pratos limpos com os seus hormonios, as suas interferencias humorais.

Seguindo, entretanto, outra ordem de idéas, Ribot (La Psychol. des Sentims.) diz haver um grupo de sentimentos provindos diretamente do *Eu*, chamados pelos ingleses *self-feelings* e pelos alemães *selbstgefuhl*, os quais se exprimem por uma sensação de fôrça, ou de fraqueza pessoal com tendencias para o movimento, ou para a inercia. Produzem dois tipos de indivíduos:—um *positivo*, outro *negativo*, em que o orgulho e a humildade são as caracteristicas dominantes.

Os orgulhosos elevam, exageram, fazem gestos largos, expressões cheias; são alegres, vaidosos, ambiciosos, audazes, colericos, insolentes, brutos. Os humildes são o contrário de tudo isto, porque se impregnam da persuasão de íntima fraqueza e impotencia; poupam-se até nos movimentos desnecessarios, reduzem a mimica, diminuem tudo, deprimem as cousas e os fatos; são tristes, timidos, medrosos, modestos, resignados e, até, indignos.

Compreende-se logo que uma causa modificadora moral agindo sôbre um indivíduo *positivo*, ou *negativo*, produza resultados opostos, de exalçamento, ou de inflexão. Assim, o enfraquecimento das resistencias psiquicas vai proporcionar a atuação de disposições íntimas sôbre um Eu propenso a uma dessas duas tendencias.

No primeiro caso, o orgulhoso por sua extremada sensibilidade, pela natural exacerbação de suas faculdades está apto a todos os excessos; no segundo, o humilde, em virtude da sensibilidade reduzida e da lentidão de sua capacidade reagente, póde ser compelido a omissões, á inação, a um estado de de-

cadencia lastimavel. Cada qual executará preferentemente a ordem interior que melhor se conformar com sua indole.

Entre êstes dois extremos, é obvio, devemos colocar o tipo normal, de perfeita constituição cerebral, em que raro ocorrem desequilibrios e não se encontram propensões para excessos de qualquer natureza.

Nestes *os freios psiquicos são fortes, funcionam com razoavel precisão e vedam a passagem de toda determinação perigosa do Id*, diria Freud.

Se emoções excessivas os extenuam, causam-lhes um depauperamento psiquico acentuado e dão lugar a que certa impulsão má triunfe, a correspondente objetivação se executa atenuadamente, desvanecidamente, por substituições moralmente aceitaveis.

Suponha-se o caso comum de um chefe de serviço exigente até á inconveniencia.

Dos seus subordinados o *normal* procura com criterio e a maior exação o meio de evitar os aborrecimentos. O *positivo* exacerba-se, arma conflitos, violenta. O *negativo* apassiva-se, anula-se e suporta inerte todos os vexames. Em cada um a perda lenta da paciencia produzirá diverso modo de agir, levará a diferente solução, embora a causa externa e o *processus* endo-psiquico sejam os mesmos.

O *orgulhoso* soluciona os seus casos sempre por atos de energia, é pronto na reflexão, sincero, franco, decidido; se o seu *Ego* recebe uma ordem violenta, não cogita de reprimí-la; antes a afaga e logo a executa.

O *humilde* está sempre voltado para a indulgencia, conforma-se com as piores situações; resigna-se e submete-se a todos os sofrimentos; busca socôrro para suas desditas na religião, nos sortilegios, em todo poder sobrenatural.

O *normal* é raciocinante, logico, dominado pela idéa do bem; quer acertar sempre e procura o melhor expediente; não se excede nem se reduz; segue uma linha reta de respeito á moral e á lei; é justo, intransigente na sua razão.

Afinal, por todas estas caracteristicas, no tipo positivo a hemorragia da paciencia exacerba o síndrome da emotividade excessiva e no negativo o da

insensibilidade emocional. No normal os seus efeitos são expressos por atos moderados, pouco agressivos e somente em casos de extrema gravidade geram ações passiveis de sensura, quasi nunca, porém, de punição criminal. E' inutil frisar a exclusão obrigatoria dos doentes, dos tarados de qualquer eiva, porque, para êstes há na psicologia apartamentos especiais.

VII

A egastenia inda não logrou um exame esclarecido por varios motivos.

Primeiramente, bem poucos terão olhado para ela com atenções. Dissimulada entre mil concorrentes, o seu ruído perde-se no estrépito geral. Depois, não é facil encontrar a feição mais singela e natural dos fenomenos, porque comumente um êrro de posição desvia o observador e lhe compromete a investigação. Finalmente, os acontecimentos impressionam sempre por seus contornos, por suas fórmas ambientes e o exame destas parece bastante.

Todos distinguem a alteração moral, os atos materiais salientes, mas bem poucos vão ás causas mediatas, aos detalhes, ás minucias impessoais. O mundo é o que sentimos, pensa-se geralmente, e o homem vale por seus atos; é para êstes na sua fórma que se olha. Examina-se o todo, o fato em sua figura, suas raízes descobertas, sua projeção manifesta, quando muito, e supõe-se que assim se viu tudo.

O indivíduo agiu mal. Enquadra-se sem demora o ato mau num dispositivo do codigo moral, ou do codigo penal. Nada mais é mister.

Entretanto, o pensamento moderno já exige que se vá além.

Os professores Kohler, da Universidade de Berlim, e R. Koffha estudaram êste problema da visão global das cousas e esclareceram suficientemente sua observação visual. Crearam a teoria das *gestalts* Demonstraram que o homem quando observa um objeto qualquer o percebe sempre como uma unidade completa e distinta das suas partes componentes, independente destas.

Assim, por exemplo, vendo êle uma mesa, abstrai da madeira, dos pés, das gavetas, etc., e ao comple-

xo destas partes como entidade autonoma é que se chama uma *gestalt*. Separando-se uma taboa dessa mesa e considerando-a de per si, ela por sua vez passa a ser uma *gestalt*, de sorte que, em resumo, uma *gestalt* é a reunião de várias outras formando um corpo em observação. Cada *gestalt* dá de si uma idéa desligada das demais que a compõem e disso provém que essa idéa não pertence aos elementos, a nenhum dêstes isolado.

E provém, ainda, que numa *gestalt* há alguma cousa mais de quanto existe nas suas unidades constituintes

Aquele que jamais viu uma mesa nunca será capaz de concebê-la observando destacadamente os seus pés, gavetas, taboas, etc.

Conclue-se, com justa razão, que o conjunto não é igual á soma das suas partes, pois nele há mais do que nestas se contém, e compreende-se que as grandes *gestalts* tenham qualidades diversas das contidas nas pequenas e superiores ás destas.

E' manifesto, em face dêste sistema, que os fatos por nós observados, fenomenos sempre de natureza complexa não nos darão de si uma idéa integral exata, salvo se sôbre êles procedermos a um exame inteligente e minucioso.

O desvio do observador desatento, ou desconhecedor da doutrina das *gestalts*, é inevitavel.

O disturbio resultante da perda de paciencia examinado como geralmente todos o percebem não revelará sua exata significação, e por êste motivo Voivenel e Mallet não viram nos eventos que estudaram com tanta perspicacia mais do que êsses eventos e suas ligações proximas. Olha-se o acontecimento e só êle se vê, quando o que êle evidencia é distinto daquilo que significa. Deve-se, entretanto, após o conhecimento da aparencia, proceder a um exame interior, estudando o agente no seu meio, no seu carater, nos seus antecedentes, vida privada e social; colhendo notícias exatas quanto possivel dos seus habitos, padecimentos, contrariedades, sobretudo do que se liga com o caso; analisando e medindo a resistencia psiquica demonstrada nas ofensas anteriores até chegar á emoção-choque.

Neste exame a psico-análise póde ser de utilidade.

De qualquer sorte é preciso ir além da representação material dos fatos para entendê-los devidamente, porque, vistos como *gestalts*, na sua aparente integridade, êles são ilusorios. Quando percebemos um bonde a rodar, não nos lembramos de sua procedencia, das máquinas, do motorneiro, dos metais, dos bancos, das rodas, da madeira, de tudo mais que entrou na sua construção. Olhamos o bonde, vemos o bonde, conhecemos que é um bonde e isto nos satisfaz.

Ninguém vai a minucias. á sua formação e, no entanto, todos supõem conhecer o bonde, que viram. E', porém, claro que o conhecimento dêsse veículo requer um exame muito diverso e aprofundado.

O mesmo acontece quando percebemos um ato de impaciencia. Ficamos todos com a impressão global dêsse ato, na suposição de que apreendemos o seu conhecimento perfeito. Êle nos impressiona tal como surge e é assim que julgamos; ninguém, via de regra, afasta sua fórma a fim de melhor penetrá-lo; todos se adstringem ao exame do seu nucleo, rebordos e adarencias proximas.

—*Tulio ontem zangou-se na mesa e quebrou violentamente um prato!* (O fato)

—*O' como Tulio é estupido!* (O julgamento)

—*Há muito êle reclamava contra o modo imperfeito de lavarem os pratos de sua casa e ontem encontrando um sujo o quebrou irritado...* (A análise eventual)

Raro se excede um exame semelhante. Ás vezes a ação é de vulto e resulta um delito. Se os comemorativos do acidente revelam desvios mentais, chama-se o psiquiatra. O psicólogo nunca é ouvido e, como a especulação psicologica parece não interessar, o caso, olhado como uma *gestalt*, fica tão conhecido quanto o bonde ficou do transeunte.

VIII

Fenomeno de sua natureza individual, a egastenia póde generalizar-se a um grupo, classe, ou população.

Não é raro que um povo atinja o limite de sua tolerancia e ante provocação mais acerba rebente os seus freios de contenção, rebele-se contra o usurpador e revolucione o país, do mesmo modo e pela mesma razão por que o indivíduo movido pela *emoção-choque* violenta o importuno que o impacientou. A identidade de causas e de efeitos leva a admitir igual identidade na elaboração psiquica dos dois fenomenos.

Todavia, a explicação já se torna mais dificultosa nos casos coletivos. Se todos os membros da coletividade fôssem igualmente sensiveis, tivessem os caracteres influenciados pelos mesmos *complexos*, sofressem os mesmos *recalcamentos* e tivessem sido atingidos por iguais vexações, teriamos na psico-análise uma facil explicação do motivo de agirem sinergicamente em virtude da perda da paciencia. Mas essa igualdade é inadmissivel.

Resta o entendimento comum, a fórma por que se explicam todos os movimentos das multidões:—o fenomeno inicial produzido contemporaneamente em um número reduzido de pessoas e sua irradiação por contagio,—simpatia, imitação, sugestão.

IX

A egastenia (*), pois, é uma debilidade especial do Eu, das fôrças morais do homem, das energias do seu carater, do Ego freudiano. Sua causa está na frequencia de impressões molestas que a vida proporciona, sobretudo a vida social.

O egastenico (**), já advertimos, não é um doente; nele não deve haver interseção psicopatologica; seu estado é de simples insuficiencia funcional,—um estado parapatologico.

Sua conduta póde confundir-se com a de um psicopata, de um constitucional, mas a análise tornará facil a distinção. Seu tratamento assenta numa

(*) Organizámos êste termo por não haver expressão conveniente ao caso em estudo.

(**) Impacientado.

conveniente disposição de ânimo e na supressão de toda contrariedade. Se os seus atos chegam a uma intensidade extrema e ferem o codigo penal, nem por isto deve o egastenico ser havido por mais temivel que o comum dos homens.

Possivelmente o deliquio será obra de uma psicose, de uma psico-neurose, e escapará ao conceito da agastenia.

Como quer que seja, a questão requer um estudo criterioso. E' preciso examinar os casos com inteligencia para poder entendê-los; evitar confusões e o êrro comum de negar indistintamente bons sentimentos a todo aquele que exerce uma violencia; não condená-lo cegamente, nem assim aplicar o tratamento duro das penas criminais, que muita vez agravam a situação e não servem como terapeutica.

Entretanto, raro se age devidamente e quando se perquire o estado mental do agressor a busca se faz sempre em face aos quadros clinicos escolasticos.

E' certo que os casos aparentemente mais singelos resultam sempre de concausas multiplas e complexas, nunca se filiam a uma genetriz unica, mas havendo em tudo uma relatividade aparente aceitavel podem reservar-se para a egastenia aqueles acontecimentos em que patentemente aparece como razão exclusiva a perda continuada da paciencia.

Percebendo-se interferencia modificadora de qualquer classe, o fato exige pesquisas de outra ordem.

—Afinal, o que pretendemos com êste ligeiro ensaio é que se atenda á ação contínua dos dissabores e ofensas sôbre os centros da vida psiquica e que no estudo do carater e de certos atos humanos se examine isto como um problema específico.

Talvez se chegue por aí a obviar um perigo, que, em verdade, não tem a mesma iminencia e intensidade para todos, mas que atinje a todos e póde inesperadamente agravar-se, tornando-se prejudicial, ou desastroso.

Fortaleza, janeiro de 1933.